

MASCULINIDADES E SEXUALIDADES EM UM CANTEIRO DE OBRAS

Priscila Pavan Detoni*

Henrique Caetano Nardi**

Recebido: 26 mar. 2013

Aprovado: 02 maio 2013

* Mestra em Psicologia Social e Institucional. Doutoranda em Psicologia Social e Institucional – UFRGS, Membro do Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero - NUPSEX. Rio Grande do Sul, RS - Brasil. E-mail: ppavandetoni@gmail.com

** Doutor em Psicologia Social e Institucional. Professor do Programa de Pós-Graduação da UFRGS. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero - NUPSEX. Rio Grande do Sul, RS - Brasil. E-mail: hcnardi@gmail.com

Resumo: Esse artigo descreve e problematiza a construção das performances masculinas de trabalhadores que ficaram alojados em um canteiro de obras para a construção de uma usina hidrelétrica no oeste catarinense, no Sul do Brasil. A metodologia foi guiada pela abordagem etnográfica, sendo o corpus constituído basicamente por observações de campo e entrevistas. As análises tomam como eixos os elementos identificados como fundamentais para a edificação das masculinidades neste contexto específico, ou seja: a atividade sexual; a relação com a prostituição; o trabalho pesado e arriscado ligado à construção civil; a convivência nos alojamentos; a relação com as famílias; com a religião e com a moral do trabalho. A construção da sexualidade desses homens é o eixo central para a discussão proposta aqui.

Palavras-chave: Masculinidades. Relações de gênero. Sexualidade. Trabalhadores. Construção civil. Usina hidrelétrica.

MASCULINITIES AND SEXUALITIES IN A CONSTRUCTION SITE

Abstract: This article describes and problematizes the construction of masculine performances of male workers who were housed in a building site for the construction of a hydroelectric plant in western Santa Catarina, in the South of Brazil. The methodology was guided by the ethnographic approach, the research *corpus* was formed mostly by field observations and interviews. The analysis took as axes the key elements in building the masculinities in this specific context – the sexual activity, the relationship with prostitution, the hard and risky work linked to civil construction, the common living in the accommodations and the relationship with the family, religion and moral code associated to work. These men's sexuality construction will be the central issue for the discussion proposed here.

Key words: Masculinities. Gender relations. Sexuality. Workers. Civil construction. Hydroelectric Power Plant.

INTRODUÇÃO

Tomaremos aqui nesse artigo a sexualidade como eixo central para a problematização do contexto da construção das performances masculinas de trabalhadores que ficaram alojados em um canteiro de obras para a construção de uma usina hidrelétrica no oeste catarinense, no Sul do Brasil.

Tomamos como eixo teórico as contribuições de Michel Foucault e Judith Butler, na medida em que esses colocam em questão a naturalização da matriz binária e heterossexual como aquela que produz a inteligibilidade de nossa autoconstituição como sujeitos, estabelecendo as delimitações dos posicionamentos de práticas e discursos que operam a partir de uma dicotomização homens/mulheres, masculinidades/feminilidades, heterossexualidades/homossexualidades na sociedade ocidental.

Assim, compreendemos que as performances da masculinidade e a produção de corpos generificados são produzidas dentro dos jogos de verdade de nossa época (BUTLER, 2003, 2004), a partir do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1988), o qual agencia os processos de subjetivação como um conjunto de práticas que produz indivíduos, discursos, identidades de gênero e sexuais. A emergência do dispositivo da sexualidade produziu o enquadramento de práticas que se conectam a uma identidade, criando as condições de possibilidade para que esses homens trabalhadores façam experiências de si e se enunciem dentro de uma cidade de homens, ou seja, como sujeitos produzidos numa experiência localizada e histórica – neste caso, um canteiro de obras para a construção de uma usina hidrelétrica.

Toda obra de uma usina hidrelétrica passa por processos de modificações/(des)construções através de escavações, explosões de rochas, abertura de estradas, alagamento de áreas. Ao mesmo tempo, vão se estruturando subjetividades. Os homens trabalhadores que se encontram neste espaço vão (re)/(des)construindo as formas como performam as masculinidades. Um dos elementos centrais que marca a enunciação dessas masculinidades é a atividade sexual e, é a partir desse elemento do campo, que buscaremos articular a forma como a produção de masculinidades se associa à produção de sexualidades neste contexto específico.

CONTORNOS DA PESQUISA

A metodologia dessa pesquisa foi guiada pela abordagem etnográfica, sendo o corpus constituído basicamente por observações de campo e entrevistas que questionavam como é ser homem em um canteiro de obras e como os trabalhadores que ficavam alojados no canteiro de obras, também conhecidos como barrageiros, produzem masculinidades específicas na sua associação com o trabalho. Cabe lembrar que o termo barrageiro remete à instabilidade das condições de vida, as quais são marcadas pelos deslocamentos geográficos, pela característica do trabalho pesado/braçal que caracteriza a construção de grandes obras como usinas hidrelétricas. Os trabalhadores foram convidados para participar das entrevistas nas suas salas de aulas na escola do programa Escola para Jovens e Adultos (EJA), que existia no canteiro de obras e era organizado pelo serviço de Psicologia da Obra. Espaço esse onde a pesquisadora que conduziu o trabalho de campo esteve inserida para realizar as entrevistas e acompanhar o cotidiano desses trabalhadores.

O perfil da maioria desses trabalhadores se caracteriza por ser de homens de baixa escolaridade, a maioria casada e egressa da região norte-nordeste do Brasil. É importante destacar que o espaço de interação nesse lugar é predominante masculino (os homens representam 90% do contingente, somente 10% sendo mulheres e destas, somente 1% ficava no alojamento, todas as outras moravam nas cidades vizinhas da obra). No momento da pesquisa, esse canteiro de obras possuía cerca de 2.000 homens alojados, os quais se somam a mais 5000 trabalhadores que chegavam diariamente de ônibus das regiões próximas, sendo o trabalho dividido em três turnos de oito horas. O número de trabalhadores/as variou conforme o período da obra, mas os números acima representam a média de trabalhadores ao longo da obra. Essa é uma obra considerada como de porte médio em termos de usina hidrelétrica, e que teve a duração de 4 anos.

Foram entrevistados 15 trabalhadores que permaneceram alojados no canteiro de obras. Eles tinham entre 22 e 56 anos, o que demarca que são de diferentes gerações, além de terem a diferença de 1 a 30 anos de experiência em canteiros de obras. A maioria dos entrevistados era casada ou mantinha família que morava em outro local do país.

Para ficar mais claro, organizamos a tabela a seguir com informações sobre os sujeitos entrevistados. Seguimos a ordem cronológica em que aconteceram as entrevistas; esta caracterização inicial nos auxiliará no entendimento das falas trazidas para análise.

Quadro1 - Características dos trabalhadores entrevistados¹

Entrevistados	Atividade de Trabalho	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Tempo de trabalho em barragens	Tempo nessa obra	Região/ Estado de Origem
E1	Pedreiro	22	Ensino Médio Incompleto	Solteiro/ Namorando	1 ano e meio	1 ano e meio	Santa Catarina
E2	Torneiro Mecânico	56	Ensino Médio Incompleto	Casado	30 anos	2 anos	Piauí
E3	Lubrificador	22	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	1 ano e meio	1 ano e meio	Paraná
E4	Segurança	34	Ensino Fundamental Incompleto	União Consensual ²	2 anos	2 anos	Paraná
E5	Mecânico Industrial	54	Ensino Médio Incompleto	Separado	16 anos	3 anos	Rio Grande do Sul
E6	Operador da central de ar comprimido	55	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	2 anos	1 ano	São Paulo
E7	Mecânico Industrial/ Área Civil	31	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	4 anos	11 meses	Maranhão
E8	Encanador Industrial/ Setor	37	Ensino Fundamental	Solteiro	9 anos	1 ano e 2 meses	Piauí

¹ Utilizamos números para identificar os trabalhadores, pois os números também são utilizados nas marcas que constroem as subjetividades dentro do canteiro de obras, números identificavam os 18 pavilhões de alojamentos masculinos.

² O termo união consensual foi um termo utilizado pelos próprios entrevistados quando se tratava de uma união estável que não era o casamento civil, mas funcionava como tal.

MASCULINIDADES E SEXUALIDADES EM UM CANTEIRO DE OBRAS

	industrial		Incompleto				
E9	Eletricista da manutenção	43	Ensino Médio Incompleto	Casado	1 ano e 6 meses	1 ano e 6 meses	Santa Catarina
E10	Encarregado Auxiliar técnico	38	Ensino Médio Incompleto	Casado	5 anos	1 ano	Bahia
E11	Oficial de Montagem	47	Ensino Médio Incompleto	Casado	7 anos	1 ano e 9 meses	Paraná
E12	Pintor	29	Ensino Médio Incompleto	Solteiro	1 ano e 2 meses	1 ano e 2 meses	Bahia
E13	Mecânico/ Área Civil	42	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	6 anos	3 anos	Bahia
E14	Carpinteiro	26	Alfabetização	União Consensual	5 anos	9 meses	Maranhão
E15	Pedreiro/ Vertedouro	33	Alfabetização	Solteiro	2 anos	4 meses	Maranhão

Fonte: elaborada pelo autor.

Indagar, observar e problematizar as masculinidades quando as entrevistas são realizadas por uma pesquisadora mulher, psicóloga com marcas regionais sulinas pode evidenciar sobre o que foi possível aparecer nas entrevistas, marcas essas apontadas pelos entrevistados. Faz-se necessário destacar que os marcadores sociais de gênero e região de origem foram os principais a demarcar os espaços entre homens e mulheres nessa obra, e entre os homens conforme sua regionalização dentro dos alojamentos.

A entrada de mulheres nos canteiros de obra aconteceu recentemente, ainda marcada pela divisão sexual do trabalho. Elas devem ficar do lado de fora, no contorno dessa cidade (nas áreas de prostituição), ou, se trabalhadoras da obra (estrito senso), fora da área interna de lazer que é predominantemente de homens, pois este é um lugar de homosociabilidade masculina. Apesar de ser uma das obras que mais tem mulheres, conforme salientaram os trabalhadores locais, a interação costumava ser permanentemente vigiada e considerada como potencialmente perigosa.

As identidades masculinas foram construídas a partir de um modelo tradicional de virilidade. Essa formação identitária está baseada em ignorar as necessidades afetivas identificadas como femininas e valorizar algumas características, como a competitividade, a preocupação com o desempenho, a autoridade, a dominação e a força.

Segundo Welzer-Lang (2001), o *habitus*, o ideal viril, homofóbico e heterossexual, que constrói e fortalece a identidade e a dominação masculina, é permeado por um paradigma naturalista: o da “pseudonatureza” superior dos homens, a qual remete à dominação masculina, ao sexismo e às fronteiras rígidas e intransponíveis entre os gêneros masculino e feminino. Percebe-se, com isso, uma visão heterossexualizada do mundo, na qual a sexualidade considerada como “normal” e “natural” está limitada às relações sexuais entre homens e mulheres.

Descrevendo a formação da masculinidade hegemônica, Welzer-Lang (2001, 2004) descreveu os lugares monossexuados destinados aos meninos quando estes saem da custódia das mulheres para se tornarem, por assim dizer, “homens de verdade”. Momento em que os mais jovens relacionam-se com homens mais velhos, os quais lhes ensinarão os pressupostos de um gênero e de uma sexualidade dominantes e a serem diferentes do outro – a mulher. Então, surgem as pressões e até mesmo violações nos espaços de homosociabilidade, as quais evocam as práticas repetidas de ensinar um modelo de sexualidade. Essas práticas remetem a uma aprendizagem de dominação de outros homens, como etapa imprescindível para a legitimação da dominação de mulheres. Identificamos, em nosso campo de pesquisa, como já indicado por outros/as autores/as, que dificilmente há uma forma de aprender a ser homem (ou a ser mulher) que não passe por alguma forma de violência (LEAL, 1995; CHECCETTO, 2004).

A relação construída em lugares de homosociabilidade é reproduzida em vários espaços sociais, os quais Welzer-Lang (2001) metaforizou como “casa dos homens”, termo advindo dos estudos antropológicos de Godelier (1992) na Nova Guiné. Nesses estudos, Godelier descreve um lugar localizado como a casa dos homens, lugar secreto das práticas e da forma de construção da masculinidade como forma de manter a supremacia masculina. Guardadas as diferenças culturais, existem lugares que também localizam masculinidades em um lugar espacial homosocial, como no caso dos alojamentos masculinos nos canteiros de obras (DETONI, 2010), questão explorada nessa pesquisa, e, também, nas plataformas de petróleo (LOSICER, 2001), nas regiões de mineração (ECKERT, 2001; BARRIENTOS, 2005) e nos transportes (LEAL, 2008).

Vários estudos sobre as masculinidades, em diferentes campos de saber (SEFFNER, 2003; 2004a; 2004b), abordam a permanência em nossa cultura de uma identidade masculina sólida, fixa e permanente. Em nossas entrevistas, mais especificamente, houve a apresentação de três tipos de homens nesse canteiro de obras: os “mais machos”, os “menos machos” e “aqueles que não querem ser machos”, seguindo assim a lógica das hierarquias da masculinidade. Os “mais machos” estariam ligados à lógica heteronormativa da masculinidade concebida por Connell (1995) como a masculinidade hegemônica, a qual é necessariamente ativa, viril e heterossexual. Os “menos machos” estariam relativamente em desvantagem em alguns pontos, mas outros atributos de masculinidades os sustentariam, como o papel de trabalhador, provedor, e “aqueles que não querem ser machos”, que se mantêm à margem do padrão imposto pela masculinidade hegemônica. A seguir, descreveremos algumas formas possíveis da manifestação da sexualidade no contexto específico da pesquisa.

SEXUALIDADE NO CANTEIRO DE OBRAS – “[...] QUAL É O HOMEM QUE NÃO DESEJA TER UM SEXO!?” (ENTREVISTADO 7).

“[...] o homem se satisfaz sexualmente acabô, né?” (Entrevistado 10).

“Aqui não tem sexualidade! Se quiser tem que buscar fora.” (Entrevistado 4).

Para analisar esses fragmentos sobre o papel da sexualidade na construção das performances masculinas, faz-se necessário esclarecer as circunstâncias das falas. O Entrevistado 10 relatou durante a entrevista as dificuldades da itinerância, relacionando-as às dificuldades de adaptação da sua família, que o acompanhava nos deslocamentos. Para ele, enquanto provedor que conseguia sustentar sua família e sua esposa, a busca de satisfação sexual se fazia necessária para todos os homens; podendo ser fora do casamento, não interferindo na situação familiar. A prática de relações sexuais como alívio da tensão é algo que faz parte da sua construção como homem. Conforme o Entrevistado 7, citado nesse subtítulo e que se apresenta como evangélico, o correto é a contensão sexual à espera do encontro com a esposa, confirmando a ideia de que todo o homem gostaria de ter/fazer “um sexo”, mas que também faz parte do exercício da masculinidade o controle desse desejo. Na direção dos regramentos da sexualidade, o entrevistado 4, ao situar a sexualidade como algo estritamente heterossexual, delimitou a

fronteira sexo/trabalho de forma expressa, expulsando qualquer possibilidade de relação erótica no interior dos muros do canteiros de obras.

Para “fazer sexo” é necessário “ter um sexo” e para comprovar que se pertence a um sexo é necessário praticá-lo. Judith Butler (2009) pensa a sexualidade como a materialização da norma sexual no corpo, ou seja, é necessário inscrever a identidade sexuada na matriz heterossexual, a qual impõe a correspondência linear e dicotomizada entre corpo-sexo/gênero-performance/desejo-sexualidade. Assim, para ser homem, espera-se do barrageiro que seu desejo esteja e possa ser aceito somente quando dirigido para mulheres. Embasada nos referenciais teóricos de Foucault (1988) e de Butler (1997, 2003), Eliana Quartiero (2009, p. 21) expôs: “O indivíduo não consegue furtar-se a ser sua sexualidade, a ser o que a sua sexualidade é, como se ela fosse depositária da sua verdade mais íntima, que afeta a totalidade do que ele é.”

No canteiro de obras, os sujeitos são reiteradamente interpelados pela norma heterossexual para performar uma identidade sexual e de gênero (BUTLER, 1997). A hierarquia das masculinidades que compõe a norma se organiza em torno de um modelo esperado de homem, que seria o forte, o corajoso e o sexualmente insaciável, como afirmou Benedito Medrado (2004) e como pudemos constatar em nosso trabalho de campo. Afinal, como aponta o Entrevistado 4, dentro do canteiro de obras e/ou dos alojamentos não há sexualidade, é preciso buscá-la fora deste(s) espaço(s). Nesse sentido, o entrevistado segue dizendo que cada um inventa a sua história, seja com uma menina qualquer, com uma prostituta, ou mesmo com uma namorada. Isso é, para que o exercício da sexualidade possa ser considerado legítimo, precisa acontecer entre um homem e uma mulher. Conforme as falas desse entrevistado, que é vigia da obra, condizentes com as dos outros trabalhadores, o canteiro de obras é um local para o trabalho, incompatível com práticas eróticas. Diante das questões sobre as práticas sexuais, o entrevistado reafirma o padrão heteronormativo:

*“Não tem, não tem isto daí. Eu não tenho visão pra isto. Muitos se destinam pra fora, daí eu não sei, não sei o que vão fazer. Por que aqui dentro não tem como. De certo eles saem, procuram aí fora, **tem a zona** aí fora da obra, né? [...] **Que no geral é só homem. Se eles querem alguma coisa eles têm que ir para fora, dentro mesmo do alojamento mesmo, não. Ninguém olha pra cara do outro, todo mundo a mesma coisa, ninguém provoca o outro. Se eles querem alguma coisa diferente que eles vão pra fora. Sabe vão busca na cidade, vão busca aí na frente aí. Em algum lugar eles acham uma menina,***

uma namorada, algum outro relacionamento, eles inventam alguma história. [...] Aqui não pode. Tipo assim, mulheres só têm acesso à lanchonete, ao banco e à lan house. Áreas de lazer, salas de TV e de cinema – áreas masculinas – elas não têm acesso. O horário de circulação delas é de até no máximo às 22 horas e elas também não têm acesso ao alojamento masculino. O alojamento delas é separado, ali elas têm a área de lazer, tem TV, mas é separado, elas não podem andar. E se alguém arrumar uma namorada aqui dentro não pode andar de mão dada, não pode dar beijo. Aqui não é ambiente, tem que ser lá fora, é o código de ética da empresa. Se tem alguém namorando aqui dentro é por que tá escondido, por que se pega dança, também é a primeira barragem que segue com autorização pra mulher morá alojada.” (informação verbal)³

As falas apresentadas acima percorrem dois pilares da sexualidade masculina, tal como estruturada nesse lugar: 1) O exercício da sexualidade só pode existir no interior da matriz heterossexual, ou seja, a sexualidade masculina é somente mencionada quando associada ao desejo pelas mulheres 2) O desejo/instinto sexual é inerente aos homens, controlado ou não. Assim, é o desejo direcionado às mulheres que legitima a masculinidade.

Como a grande maioria dos trabalhadores da obra é formada por homens, existem prescrições e normas em torno do lugar de trabalho e moradia, lugar este separado do exercício erótico. Entre os homens, esta possibilidade é “quase” inconcebível, afinal, se são todos de corpos, sexos e “gêneros” iguais, como poderiam desejar o semelhante? É “natural” que homens desejem mulheres. Por essa razão é preciso que existam mulheres ao redor desta cidade de homens, e também disponíveis em outros lugares, como nos municípios vizinhos, para manter a congruência esperada entre sexo, gênero, sexualidade, desejo e corpo (BUTLER, 2003; 2004; 2009).

Leal (1995), Lyra e Medrado (2009) afirmaram que a reprodução está para as mulheres assim como a sexualidade está para os homens. O desejo e o instinto são inatos aos homens e necessita ser exercitado; as mulheres, por sua vez, teriam seu desejo submetido à reprodução. Então, quando os homens/trabalhadores entrevistados são interrogados sobre como é viver numa cidade de homens e como se dão as práticas sexuais, uma das primeiras questões que aparecem é de que o canteiro é um lugar voltado para o trabalho e a disciplina, e, por isso, nele não poderia existir sexualidade. Concomitantemente à contenção, existe a exaltação de uma sexualidade mais brutal/instintiva, que só é regulada pelas normas das instituições do trabalho e da família e,

³ Relato do entrevistado 4 no canteiro de obras em entrevista aos autores. Grifos nossos.

fundamentalmente, pelas possibilidades econômicas dos trabalhadores. Se o exercício das práticas sexuais para manter o status de homem macho pode comprometer uma parte do salário, constitui-se como uma forma de lazer e alívio necessário, tanto que as casas de prostituição na obra são chamadas de “foias”, porque ali fica depositada uma parcela da folha (foia) de pagamento. A denominação é pertinente, pois a frequência maior na busca de mulheres se dá em especial no dia 5 de cada mês, que é a data em que os trabalhadores recebem. Já no final do mês há uma concentração maior no trabalho para garantir a folha do início do mês seguinte.

Em um dos três períodos de permanência no campo, um encarregado disse:

“Deixa os ‘peão’ se louquearem até dia 10 no máximo, depois acaba o dinheiro e eles trabalham que nem jegues.” (informação verbal)⁴

Essa fala expressa a importância da zona de prostituição que se forma ao redor da obra, uma vez que esse exercício regrado da sexualidade seria do ponto de vista da hierarquia, uma garantia do trabalho árduo dos peões.

“FOIAS” – AS ÁREAS DE LAZER E/OU DE PERDIÇÃO?

Desde a primeira ida a campo, a prostituição se apresenta visível e organizada, afinal, ela precisava estar localizada fora da área de moradia dos trabalhadores, havendo uma segregação das práticas eróticas. Ao mesmo tempo em que a prostituição está fora, ela também ocupa um lugar privilegiado geograficamente no canteiro de obras - no contorno e na porta de entrada. Esse bordeamento serve para legitimar as masculinidades/sexualidades desses trabalhadores, que, em algumas das suas falas, definem que o coletivo de homens necessita de mulheres para o exercício da sexualidade, como já afirmamos.

A organização da prostituição nessa obra pode ser comparada ao filme *Pantaleão e as Visitadoras de Lombardi* (1999), baseado no livro de Mário Vargas Llosa, em que os militares tinham garantida a prestação de serviços sexuais por prostitutas – as chamadas “visitadoras”. Muito semelhante à obra em questão, onde foram abertas 23 casas de prostituição nos dois municípios mais próximos. Essas casas prestaram serviços aos trabalhadores diretos/indiretos

⁴ Relato do encarregado de obras em entrevista aos autores.

durante quatro anos, período da obra, e depois seguiram a itinerância das obras. Ao indagar sobre a construção das masculinidades desses trabalhadores alojados, a maioria deles mencionou as casas de prostituição: 13 dos 15 entrevistados relataram em suas falas a relação da masculinidade e da prática da sexualidade com as casas de lazer e/ou de perdição – as “foias”.

Além de serem chamadas de casas de lazer e/ou perdição, também recebem outras denominações como: prostíbulo, cabaré, zona, bailinhos, chinaredo, contudo, é a denominação êmica e bem específica “foia” que predomina. A palavra “Foia” foi mencionada informalmente em vários contextos como no refeitório, nas esperas no pátio pelas aulas do EJA e avaliações psicológicas dos/as trabalhadores/as. Entender a palavra “foia” foi importante para analisar o campo de pesquisa, porque essa palavra dizia mais do que uma referência à folha de pagamento dos trabalhadores. Ela estava associada às formas de diversão e ao prazer vinculado ao uso de bebidas alcoólicas e de outras substâncias, mas falava, sobretudo, do exercício da sexualidade desses homens e da afirmação de suas masculinidades.

O termo “foias” perpassa até mesmo o espaço de treinamentos de entrada para a obra:

Durante o treinamento, um representante do departamento pessoal explicava como funcionava o pagamento mensal e o uso do código do crachá de trabalho para comprar na lanchonete da obra, usar a lavanderia, a lan house e as cabines telefônicas, bem como que esses valores seriam descontados no final de cada mês na folha de pagamento, e, em seguida, acrescentou:

Só não vão esquecer de pagar a “foia”, e lá não é com o crachá, é melhor ser em dinheiro do que deixar lá o cartão. (informação verbal)⁵

E nisso todos os trabalhadores riram e comentaram num grupinho:

“Se não paga a “foia” têm uns caras, ou as mulheres, que vem atrás depois, se não tem pra “foia”, tem que deixar os documentos lá”. (informação verbal)⁶

Eles falavam que caso não tivessem dinheiro para frequentar as casas de lazer e/ou de perdição, o costume era deixar lá documentos importantes como a carteira de identidade, carteira de trabalho e/ou o cartão do banco. (Extrato do diário de campo)

⁵ Relato de um representante do departamento pessoal em entrevista aos autores.

⁶ Relato de um dos trabalhadores do canteiro de obras em entrevista aos autores.

A “*Foia*” foi mencionada por todos/as os/as responsáveis pelo treinamento, mostrando sua importância na regulação da sexualidade e do trabalho no canteiro de obras:

“Quando a técnica ambiental se apresentou no treinamento de integração, relatou sua trajetória de ser seguidora de barragens – por “seguir barragem”, mesmo sendo mulher, e observou que devia ser respeitada ali dentro como colega de trabalho, dizendo ainda que era importante respeitar as mulheres de dentro e de fora da obra, como nas “*Foias*”, pois elas (as mulheres das *Foias*) também estavam ali para fazer o seu trabalho.” (Extrato de Diário de Campo)

A partir desses relatos, podemos afirmar que as “*foias*” também seguem barragens, ou seja, fazem parte desta construção e da própria (re–des) construção das performances masculinas. Em outro momento do treinamento, a enfermeira, depois de falar dos acidentes de trabalho e dos riscos do local de trabalho, novamente aborda as “*Foias*” e a prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis - DSTs, em especial da AIDS. Embora frequentadas em nome da saúde física e mental desses trabalhadores, as casas de lazer podem se tornar casas de perdição, segundo os relatos dos trabalhadores, devido aos riscos que podem envolver tais práticas, não havendo uma reflexão maior e responsabilização masculina no que tange as práticas do sexo seguro.

“E1- É, sempre têm uns que convidam pra ir no caminho da perdição, é, né? Mas se a pessoa tá com a cabeça bem no lugar...”

P – Que é o caminho da perdição?

E1 – Ui, ai, (Ri) No caso eu fui.

P – E como é?

E1 – No caso que tipo?

P – No caso que tu foi?

E1 – Eu não preciso nem falá, né, como é. O cara que vai tê prejuízo.

P – Que tipo de prejuízo?

E1 – De pegá alguma coisa, doença, um risco por azar.”(Informação verbal)⁷

⁷ Relato do entrevistado 1 no canteiro de obras em entrevista aos autores.

“Doença sexualmente transmissível e até briga. Rola tudo isso aí. (...) Não, nos vários lugares, na cidade, o negócio é fazer com bastante segurança, é isso aí, né?” (informação verbal)⁸

Como pode ser visto nos relatos, quando interrogados sobre como é a sexualidade nos alojamentos, tal sexualidade passa pela prostituição, por riscos, mas parece ser também o que garante e mantém esses homens dentro do que seria esperado para as suas masculinidades. Parece que sem a prostituição a condição destes homens alojados não poderia ser a mesma. Estas casas de lazer, que dão conta de sustentar este lugar do macho em uma cidade de homens, são perpassadas por redes enunciativas que atravessam as falas dos trabalhadores como motivos para que eles não frequentem estes lugares, ou os frequentem com precauções. Ali, eles estariam mais predispostos ao risco de contrair uma DST, ou de que poderiam entrar em conflito com seus colegas de trabalho, se envolvendo em brigas motivadas pela relação com as mulheres, o que afetaria sua relação no trabalho. Assim, aqui temos atravessados os discursos da saúde e da disciplina do trabalho. Cabe ressaltar que quando acontecem brigas que chegam à agressão física, a empresa construtora costuma tomar como providência a dispensa dos envolvidos, independentemente de ocorrerem no alojamento, na área de lazer ou no campo de trabalho.

PARA ALÉM DAS ‘FOIAS’: OUTRAS FORMAS DE REGULAÇÃO DA SEXUALIDADE DO CANTEIRO DE OBRAS

A sexualidade é regrada não só espacialmente, sua prática obedece a regulações econômicas, religiosas e associadas à moral familiar e conjugal, ainda muito marcante nesse grupo de trabalhadores. Seguem as falas que apresentam enunciados que sustentam e perpassam os discursos em torno do masculino:

“Chega domingo à noite, sábado à noite só vê homem, não vê mulher. E têm uns que gosta, sai pra aqueles ambientes, e tem quem chega lá e deixa o dinheiro todinho. A coisa não é fácil não.” (informação verbal)⁹

P¹⁰ – Como é a experiência de morar numa cidade praticamente só de homens?

⁸ Relato do entrevistado 12 no canteiro de obras em entrevista aos autores. Grifos nossos.

⁹ Relato do entrevistado 12 no canteiro de obras em entrevista aos autores.

¹⁰ Falas e questões feitas pela pesquisadora.

E15 – É difícil. Difícil, difícil, a gente consegue, por que precisa. Se eu fosse compará aqui com a capital lá que eu moro que é São Luis eu não ficava nem um dia.

P – Por quê?

E15 – Por que em São Luís é tudo mulher, tudo praia, tudo férias, tudo brincadeira, tudo mundo fala a mesma coisa. Daí eu vou aqui compará quatro mês, se eu tô no serviço é com homem, se eu tô na barraca é com homem, se eu tô no alojamento é com homem, no refeitório com homem, né? Como é que tu vai compará uma coisa destas com a minha vida lá. Você vive, por que você vive, né? Você tem que vivê, mas bom não é, né? [...] Se você quisé fica com uma mulher você tem que ir num destes lugares aí e pagá caro, você já vem por que você tem um objetivo, daí você passa o tempo todo aqui e nunca vai pra casa. Não é um lugar pra você tê uma mulher, conversá com ela, saí com ela, é diferente. Aqui só funciona se tivé dinheiro, se não tivé dinheiro não funciona. Em São Luís eu tava lá, a gente entra e sai, tem uma vida diferente. Aí se você saí e tivé dinheiro todo mundo te abraça, te beija, senão vai embora.” (informação verbal)¹¹

Para ter/fazer sexo, estes homens precisam de mulheres. Para que a sexualidade seja vivida ela precisa ter um enredo que afirme o sujeito existindo dentro de um repertório heterossexual, responsável pelas linhas divisórias entre o normal e o patológico. Nesse campo esquadrihado, criam-se estratégias para realizar ou tencionar as práticas eróticas, como nos casos dos trabalhadores que ficam longe da família e/ou de suas mulheres ou os que procuram outras mulheres.

“[...] é difícil, cada um tem um esquema, por que uns moram longe da família, daí não sei como é a situação deles, o quanto eles demoram pra ir pra casa, daí eles ficam oprimidos. E a pessoas não tem relação com outras pessoas, longe da família, longe da pessoa amada, daí é complicado, né? Eu nem sei como vou explicá isso aí. Que o que eu vou te dizer. É bastante preocupante isso aí. Porque as pessoas têm que sair fora, buscar outras, outros lazeres, acho eu, né?” (informação verbal)¹²

*“Eu assim, dá pra entender o que, que é complicado assim tudo homem ao redor. Eu sinto assim, que o pessoal fica até assim com **desvio de personalidade** pelo fato assim, tanto da animação visual, pelo fato assim – só homem, só homem. E pelo fato que tem um monte de chinaredo e casa de prostituição, mas é complicado assim, um pra lá, um pra cá desrespeitando o outro. [...] Desvio que eu digo é assim, a própria maneira de pensá, já começa, como vou explicá pra ti sem enrolá, é o comportamento muda, o comportamento muda, muda. A gente sente, né, ficam mais agressivos, né?” (informação verbal)¹³*

¹¹ Relato do entrevistado 15 no canteiro de obras em entrevista aos autores.

¹² Relato do entrevistado 5 no canteiro de obras em entrevista aos autores.

¹³ Relato do entrevistado 9 no canteiro de obras em entrevista aos autores. Grifos nossos.

Nos relatos emerge a necessidade de dar conta dos ‘instintos’, concebidos como naturais e que seriam componentes da concepção de saúde, em especial da saúde mental, conectada às atividades sexuais. Em contrapartida vem o medo deste exercício pelos perigos associados, que vão além de perder o dinheiro e não seguir o modelo de marido e/ou pai dentro de uma moral estabelecida. Esses perigos estão também na ordem da violência entre colegas de trabalho, a qual pode envolver disputas por mulheres e ciúmes, mesmo que a relação se estabelece a partir do comércio sexual. Além disso, há o risco ligado às Doenças Sexualmente Transmissíveis – DSTs, conforme já mencionamos:

“Ai tem várias boate aqui perto, não é muito amistoso, é perigoso, mas a gente se obriga a ir lá às vezes por que não aguento ficá tempo sem mulher mesmo, e assim vai.” (informação verbal)¹⁴

“Ah, pra mim um dia típico assim, eu vou na área de lazer, eu me divirto, vou no baile, jogo futebol.

P – Como é a área de lazer?

E5 – É legal.

P – O que o senhor faz na área de lazer?

E5 – Jogo sinuca, jogo baralho... [...] Os bailes acontecem na sexta-feira, sábado. É fora, no canteiro não, têm em [Município 1, Município 2]¹⁵ e ali na frente, né? Olha ali, tem que tê consciência e saber o que tá fazendo pra não causar aflito (conflito), né? Consciência que eu digo é respeitar o colega, respeitar os outros, em primeiro lugar é este. E ainda você tá em perigo, risco de ser atingido: uma coisa ou outra, vamos ver, se acontece uma bronca, um negócio, um tiroteio assim.

P – E já aconteceu isso?

E5 – Aqui que eu sei não, mas parece que aconteceu ontem de noite ali embaixo.

P – Na área de lazer ali na frente da guarita?

E5 – É. Lá em [Outra Obra]¹⁶ também aconteceu, lá deu quatro mortes.

P – Fora do canteiro? Nas áreas de lazer? E por que acontecem estas mortes?

¹⁴ Relato do entrevistado 12 no canteiro de obras em entrevista aos autores.

¹⁵ Estes seriam os municípios mais próximos do canteiro de obras.

¹⁶ O entrevistado refere o nome da obra, a qual não é mencionada, pois pode identificar as pessoas envolvidas.

E5 – As vez ciúmes, que nem ontem ali, pelo que aconteceu lá foi por ciúme. É um risco.

P – E quais são os outros riscos?

E5 – Droga, álcool, é e tudo é droga, são os riscos mais, né? De doenças venéricas¹⁷, tudo têm este preconceito, né? Cada pessoa tem que saber como se relaciona. E se não tivesse ali na frente seria pior, se não fica anormal, a pressão, fica a pessoa oprimida. Tem bastante mulher na obra, mas a vida de alojamento é tudo separado, mas pra mim não atrai nada, por que todo mundo precisa trabalhá. A dificuldade que tem de convivência e de sobrevivência, quem quer trabalha se esforça pra manter o emprego. Eu respeito e eles me respeitam também.” (informação verbal)¹⁸

Apesar dos riscos implicados no exercício da sexualidade no contexto do canteiro de obras, a sua negação ou contenção também tem um alto custo. De acordo com as entrevistas, a contenção pode levar a depressão, a desqualificação como homem por não exercitar a sexualidade, principalmente diante de outros homens. Claro que existem situações de reversão do imperativo da masculinidade hegemônica, como aqueles que se afirmam como homens que suportam a abstinência sexual esperando encontrar a esposa, que está longe, e economizar/guardar dinheiro para sustentar a família, para poder voltar à terra natal com uma condição financeira melhor.

A vulnerabilidade associada à itinerância e ao comércio sexual que se estabelece em torno das barragens encontra destaque na Política Nacional de prevenção à AIDS (BRASIL, 1999), pois emerge como uma das populações na matriz de risco e vulnerabilidade, a qual destaca: pessoas presas, usuários de drogas injetáveis, profissionais do sexo, caminhoneiros e garimpeiros (LEAL, 2008). Segundo os relatos sobre a experiência de como são vivenciadas as sexualidades dos barrageiros, encontramos similaridades com os modos de vida de garimpeiros, como Barrientos (2005) e Eckert (2001) descrevem, e também dos caminhoneiros descritos por Leal (2008). A vulnerabilidade se associa a condições precárias de trabalho e à falta de atendimento de saúde voltado para estes contingentes masculinos. Afinal, as intervenções e propostas de intervenção não incluem esses sujeitos itinerantes, apesar de sabermos que as relações sexuais

¹⁷ Doenças venéreas.

¹⁸ Relato do entrevistado 5 no canteiro de obras em entrevista aos autores. Grifos nossos.

respondem por 58% dos casos de AIDS entre os homens, com prevalência de 25% de contágio associado a relações heterossexuais (MEDRADO, 2004).

Os barrageiros mencionaram os riscos e a vulnerabilidade associados ao comércio sexual, ou ao fato de sua mobilidade possibilitar outros relacionamentos além do casamento ou namoro implicando em riscos ligados às DTS (Doenças Sexualmente Transmissíveis), mas em momento nenhum falaram em formas de prevenção. Estes cuidados aparecem nas falas de profissionais da saúde do canteiro de obras nos treinamentos e das campanhas do GAPA (Grupo de Apoio aos Portadores da AIDS), informando sobre o uso do preservativo e do direito de os barrageiros buscarem o preservativo nos postos de saúde, uma vez que o ambulatório médico da obra não dispõe de preservativos para todos. E dentro da lógica de situar a sexualidade fora da obra é que se afirma a não necessidade de ter preservativos em quantidade suficiente na obra. Na terceira viagem de campo foi possível perceber que a lanchonete/mercado da obra estava vendendo preservativos, o que não acontecia antes. E isso ocorreu devido a um dos pedidos do setor de Psicologia e do ambulatório médico da própria obra.

Dentro do canteiro de obras não há cartazes ou campanhas abordando a transmissão de DSTs/ AIDS, ou a importância do uso do preservativo, mas não faltaram placas indicando o fato de o canteiro de obras se constituir em uma área de risco em relação aos acidentes de trabalho. Eis os dizeres das placas: “Mantenha-se vivo, pois existem pessoas que dependem de você.” Dizeres estes complementados pelo desenho de uma família nuclear típica, reforçando a moral familista e o papel do provedor, onde caberia ao homem o sustento daquelas pessoas dependentes – mulher e crianças.

O reforço institucional da moral familista como apelo ao cuidado em relação aos riscos no trabalho remete para falas associadas à ética do trabalho como ética do provedor (NARDI, 2006); ou seja, a não gastar seus rendimentos com este tipo de lazer, dado que a maior parte destes trabalhadores está ali para prover a família e/ou guardar algum dinheiro para fazer frente às dificuldades de se manter em um emprego estável. Conforme relatam esses trabalhadores sobre os aspectos de sua sexualidade, e também de masculinidade:

“Os que querem ser machos demais, que vai que dominá toda a mulherada que tem na obra, que namora as que trabalham aqui, que abusa do cara que não qué fazê. E dizem: ‘É você

tem dó de gastá, ou você não é homem.” Sempre tem a discussão que a gente trabalha.” (informação verbal)¹⁹

Essa fala abre várias possibilidades para a compreensão da hierarquia das masculinidades; pois, se por um lado afirma que os homens “mais machos” dentro da obra são os que mais se envolvem com o comércio erótico, pelo outro, aquele que preserva o ganho para o sustento da família legitima sua masculinidade apoiando-se na ética do trabalho e na afirmação da identidade do homem provedor.

Além disso, o discurso religioso também é usado como justificativa para alguns trabalhadores não frequentarem as casas de prostituição. Bem como a questão da fidelidade conjugal e a relação que estabelecem de que algumas práticas sexuais poderiam estar associadas ao pecado ou à pura influência de (más) companhias que pudessem os desviar de seus objetivos, inclusive da religião, no caso dos entrevistados que se apresentaram como evangélicos.

*“Tem uns que gostam de **puteiro** e usa drogas e bebida alcoólica, e **a gente não é nada disso. Tem que ver quem são os amigos.**” (informação verbal)²⁰*

“[...] porque tenho um relacionamento bom com a minha esposa, respeito ela e também acredito nela, e outra também por que Deus não quer isto do homem, de se prostituí pra fora. Afinal, de contas, a gente é casado e tem uma esposa, pra que se prostituir? Então isto é outro lado que eu vejo que não é certo. Não faço isto. Então é isso, pra eles que acham que é certo que façam, se acham que devem fazer. Mas, a Bíblia diz que tudo é possível a gente fazer, que tudo é permitido, mas tudo que a gente faz, faz bem pra nós.” (informação verbal)²¹

Nessa fala a visão de quem se prostitui diferiu das outras situações, no caso, para o entrevistado, o próprio homem estaria se prostituindo ao se relacionar com as profissionais do sexo. A “prova” do quanto ele é homem se sustenta nas regras estabelecidas pela religião, no caso pela Bíblia, com a reafirmação da monogamia e a heterossexualidade como fundamentos relacionados ao bem. Ele pode buscar a reafirmação de sua masculinidade na manutenção das instituições do casamento e da família. Ele se coloca em oposição à maioria dos outros entrevistados, que primeiro buscariam a satisfação sexual, apesar do preço e dos riscos. O que

¹⁹ Relato do entrevistado 6 no canteiro de obras em entrevista aos autores.

²⁰ Relato do entrevistado 3 no canteiro de obras em entrevista aos autores. Grifos nossos.

²¹ Relato do entrevistado 7 no canteiro de obras em entrevista aos autores.

aponta que não existe uma homogeneidade nas experiências de si desses homens, em especial em relação à sexualidade.

APONTAMENTOS FINAIS

Quando abordamos as sexualidades e masculinidades não podemos generalizar uma forma de ser e se experimentar enquanto homem dentro de um canteiro de obras, ou posicionar sobre uma única forma de exercício de sexualidade. Podemos traçar alguns elementos do campo de pesquisa que abordam o que enreda essas masculinidades – o trabalho, as relações entre os homens, colegas de trabalho, o comércio erótico - as “foias”, o prover, o lugar de ser um homem que faz e mantém família e também um homem que tem, gosta e precisa de atividade sexual.

Conforme constatamos, os trabalhadores entrevistados revelaram a importância das práticas sexuais, em especial para os homens. As relações sexuais são vistas como sinônimo de saúde para o homem e também como prerrogativa de sua virilidade. Por isso, suas falas indicam a necessidade da existência de casas de prostituição ao redor da obra – reafirmando o discurso heteronormativo que configura o dispositivo da sexualidade. Apesar do estigma colado à prostituição, os riscos identificados principalmente em relação às DSTs, à violência, ao álcool e outras drogas e ao gasto excessivo, os entrevistados e os/as responsáveis pela organização do canteiro, assumem o comércio erótico como uma necessidade. Os elementos básicos que justificariam a existência das “foias” seriam: os homens não viveriam sem sexo, e este sexo implicaria o relacionamento com mulheres para confirmar o papel ativo; o exercício da sexualidade garantiria um bem estar a estes homens e seria uma das formas de lazer para dar conta/aliviar-se do trabalho duro. Em contrapartida, a busca pela prostituição tenciona outro imperativo da masculinidade, visto que alguns trabalhadores dizem que a mesma implica um investimento financeiro que comprometeria o papel de provedor, bem como as economias necessárias para o retorno às suas regiões de origem; além de não corresponder ao que se espera da “fidelidade” monogâmica do casamento e de colocar em risco a saúde física e os relacionamentos entre os trabalhadores. É nessa tensão que se estabelece a disputa em torno da hierarquia das masculinidades.

O que esse estudo aponta, apesar de suas limitações de tempo de permanência no campo que produz zonas de sombra, sobretudo em relação ao (não) lugar das sexualidades não heterossexuais, é que vislumbramos diferentes modos de ser homem, mesmo no interior do modelo hegemônico da masculinidade conectado à matriz heteronormativa. Muitos marcadores sociais (origem, escolaridade, idade) não puderam ser analisados a contento, o que certamente nos possibilitaria uma ainda maior diversidade de configurações da masculinidade e do exercício da sexualidade no contexto específico da itinerância, que caracteriza a vida dos seguidores de barragens.

REFERÊNCIAS

- BARRIENTOS, Jaime. **Comportamiento sexual en la ciudad de Antofagasta**. Informe 2005. Ordhum, Antofagasta, Chile: Universidade Católica del Norte, 2005. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Jaime_Barrientos_Delgado_28.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2008
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Políticas da Saúde. Coordenação de DTS e AIDS. **Política de DTSS/AIDS: Princípios, Diretrizes e Estratégias Nacional**. 1999. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_17.pdf>. Acesso em: 07 de mar. 2010
- BUTLER, Judith. Diagnosticando o gênero. Trad. André Rios. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 95-126, 2009.
- _____. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. Subjection, resistance, resignification: between Freud and Foucault. In: **The psychic life of power**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1997.
- _____. **Undoing gender**. New York: Routedge, 2004.
- CECCHETTO, Fátima Regina. Corpo, masculinidade e violência. In: _____. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul/dez. 1995.
- DETONI, Priscila Pavan. **Seguir barragem: (Re - Des) construções das masculinidades num Canteiro de Obras de uma Usina Hidrelétrica**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- ECKERT, Cornélia. Do corpo dilapidado à memória re-encantada. In: LEAL, O. F. (Org). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, Roberto (Org.) **Microfísica do poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GODELIER, Maurice. **O ocidente, espelho partido: uma avaliação parcial da antropologia social, acompanhada de algumas perspectivas**. Trad. Heloísa Jahn. Conferência proferida na 168ª Reunião nacional ANPOCS. Caxambu, out. 1992.

LEAL, Ondina Fachel. **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

LEAL, Andrea Fachel. **No peito e na raça: a construção da vulnerabilidade de caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas públicas para HIV/AIDS no sul do Brasil**. 2008. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LOMBARDI, Francisco J. **Pantaleão e as visitadoras**. [Pantaleón y las visitadoras], Peru, 137 minutos, 1999.

LOSICER, Eduardo. **Caso clínico em alto mar abrindo a 'caixa preta' da p-36**. 2001. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/caso_clinico.shtml>. Acesso em: 01 set. 2008.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Gênero, homens e masculinidades: percursos pelos campos da pesquisa e da ação em defesa de direitos. In: BERNARDES, Jeferson; MEDRADO, Benedito (Orgs.) **Psicologia social e políticas de existência: fronteiras e conflitos**. Maceió: Abrapso, 2009.

MEDRADO, Benedito. Sexualidades e socialização masculina: Por uma ética da diversidade. In: MEDRADO, Benedito; FRANCH, Mônica; LYRA, Jorge; BRITO, Maíra. (Orgs.) **Homens: tempos, práticas e vozes**. Recife: Instituto PAPAI/Fages/ Nepo/Pagacapá, 2004.

NARDI, Henrique Caetano. **Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

QUARTIERO, Eliana Teresinha. **A diversidade sexual na escola: produção de subjetividade e políticas públicas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. 2003. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

_____. Fazer com homem, fazer com mulher: a escorregadia masculinidade bissexual. In: LOPES, Denilson; BENTO, Berenice; ABOUD, Sergio et al. (Orgs.) **Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura**. São Paulo: Nojosa, 2004a.

_____. Representações da masculinidade bissexual: um estudo a partir dos informantes da Rede Bis- Brasil. In: CACERES, Carlos Fernando et al. (Ed.) **Ciudadaná sexual en america latina: abriendo el debate**. Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 2004b.

TEDESCO, Leticia da Luz. **Explorando o negócio do sexo**: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre/RS. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos feministas Pagu**, Campinas, SP, v. 2, 2001.

_____. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SECHUPUM, Mônica Raísa. **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.